



## **A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA: ESTUDOS DE CASO NO BIG BROTHER BRASIL DE 2022 E 2023**

### **THE LONELINESS OF THE BLACK WOMAN: CASE STUDIES IN BIG BROTHER BRAZIL IN 2022 AND 2023**

Jakelliny Almeida Santos<sup>1</sup>  
Alessandra Corrêa de Souza<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

Este artigo apresenta estudos de caso na confluência das epistemologias e ontologias afro-diaspóricas acerca do preterimento da mulher negra (Souza, 2008; Pacheco, 2008; Valim de Melo, 2022). O objetivo deste estudo é problematizar o preterimento da mulher negra no Big Brother Brasil (BBB) 2022 e 2023. Para tanto, adotou-se uma metodologia qualitativa cujo corpus é composto por duas situações ocorridas no reality show nos dois últimos anos. Diante disso, analisou-se os discursos, as disposições corporais e as expressões faciais das/os participantes do programa envolvidas/os nas situações para construir um diálogo entre as narrativas delineadas. Como aporte teórico, destacamos intelectuais negras/os como bell hooks (2022), Carla Akotirene (2019), Frantz Fanon (2008), Hill Collins e Bilge (2021), Isildinha Baptista Nogueira (2021) e outras/os. Após análise das fontes, a partir da problemática instaurada da solidão da mulher negra, observou-se que as intersecções de raça, gênero e classe são naturalizadas no imaginário coletivo da sociedade brasileira. Além disso, programas como o BBB servem como espelho para disseminar o status quo, que reforça o lugar da branquitude, o locus social de privilégios de sujeitos determinados historicamente como mercedores de afetos na sociedade patriarcal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Solidão da mulher negra. Preterimento. Big Brother Brasil.

#### **ABSTRACT**

This article presents case studies at the confluence of Afro-diasporic epistemologies and ontologies, concerning the neglect of black women (Souza, 2008; Pacheco, 2008; Valim de Melo, 2022). The objective of this study is to problematize the neglect of black women in Big Brother Brasil 2022 and 2023. We adopted a qualitative methodology whose corpus is composed of two situations that occurred in the reality show in the last two years. Therefore, we analyzed the speeches, body dispositions and facial expressions of the program participants involved in the situations to build a dialogue between the outlined narratives. As a theoretical contribution, we highlight black intellectuals such as bell hooks (2022), Carla Akotirene (2019), Frantz Fanon (2008), Hill Collins e Bilge (2021), Isildinha Baptista Nogueira (2021) and others. After analyzing the sources, the referrals obtained, based on the established problem of black women's loneliness, is that the intersections of race, gender and class are naturalized in the collective imagination of our society; and that programs like the BBB serve as a mirror to disseminate the status quo, which reinforces the place of whiteness, the social locus of privileges of subjects historically determined as deserving of affection in the patriarchal society.

**KEYWORDS:** Loneliness of the black woman. Neglect. Big Brother Brazil.

<sup>1</sup> Discente de mestrado no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (PPGL/UFS). Graduada em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora auxiliar substituta no Departamento de Letras Espanhol da UFS (DLES/UFS). E-mail: jakellinyalmeida@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professora Associada na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutora e Mestra em Estudos Literários Neolatinos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduada em Letras pela UFRJ. E-mail: professoralessandra@academico.ufs.br.

## 1 INTRODUÇÃO

“Quem já viveu isso na pele?  
O cara dizer que não se sente pronto,  
que não quer se envolver com ninguém e de repente...  
Aparece com alguém. Então, você entende que ninguém era você!”  
(Azevedo, Máira, 2022)

A epígrafe escolhida atende diretamente ao tema em discussão, visto que ela representa o preterimento vivenciado por mulheres negras no Brasil. Esse lugar, de certo, não está resumido ao campo afetivo-sexual, visto que ainda ocupamos um quantitativo reduzido nos espaços públicos de tomada de decisão. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os negros (pretos e pardos) compõem 56% da população brasileira, no entanto, ao estabelecer relações com o quantitativo das pessoas brancas, os avanços ainda são incipientes.

Nas últimas décadas, a produção intelectual negra tem sido uma âncora para debates que outrora foram negligenciados. Embora haja avanço ao ponto de poder discutir as representações midiáticas de mulheres negras em um reality show e, sobretudo, de seus papéis sociais no cotidiano, ainda há desafios para enfrentar na atualidade. As epistemologias afrodiáspóricas localizam-se, ainda, à margem dos bens de consumo nas universidades. Para Lélia Gonzalez (1988), isso ocorre por efeito das concepções científicas cartesianas que foram difundidas pelas óticas ocidentais, europeias, brancas, cristãs e patriarcais.

Diante disso, neste espaço analítico e científico, realizou-se um estudo qualitativo das narrativas presentes em um corpus composto por cenas de um programa que passou em canal aberto, na TV Globo (Globo Comunicação e Participações S/A), cujo nome é Big Brother Brasil (BBB) — reality show idealizado em 1999, na Holanda, por John de Mol, sócio da produtora Endemol, em que pessoas são selecionadas para conviverem confinadas dentro de uma casa e vigiadas por câmeras 24 horas por dia. A partir disso, foram analisados fragmentos das gravações do BBB dos anos de 2022 e 2023 com o objetivo de problematizar o racismo estrutural que retroalimenta a solidão da mulher negra em todos os espaços, inclusive no Big Brother Brasil, que é um microcosmo da sociedade brasileira.

Para tanto, como recurso analítico, lançou-se um aporte intelectual interseccional para realização de dois estudos de caso. Assim, foram analisados os dizeres, as expressões corporais e faciais presentes nas gravações selecionadas para fundamentar nossa leitura dos dispositivos

institucionalizados na psique de pessoas que trazem no bojo do inconsciente as colonialidades. Para tal imbricação teórica, contou-se com bell hooks (2022); Hill Collins (2021); Isildinha Nogueira (2021); Ana Pacheco (2008); Claudete Souza (2008), Renato Nogueira (2022) e outras/os. A fim de apresentar o conteúdo deste artigo, o aporte teórico foi percorrido, em seguida, realizou-se as análises e, por fim, as reflexões nas considerações finais.

## 2 A HISTORICIDADE DAS MULHERES NEGRAS

A ideia de raça, em detrimento da cor da pele, dos seus traços fenóticos e da origem cultural, começou com os processos colonizatórios europeus. Antes de tudo, precisa-se resgatar a compreensão de que as colonizações não estiveram limitadas à ocupação territorial e econômica dos povos originários e escravizados. Neste espaço, é compreendido que as colonizações europeias tinham, também, o objetivo de estabelecer processos civilizatórios, de acordo com a ótica estabelecida pela visão ocidental e eurocêntrica, e nesse percurso diversas naturezas de ocupações e imposições foram concretizadas (Gonzalez, 1988).

Diante disso, os “colonizadores”, ao ocupar territórios, invadiram e sucatearam, além das riquezas materiais, a psique, os costumes, os modos de ser e pensar enquanto pessoas neste mundo (Fanon, 2008). Entretanto, nem tudo o que pertencia à cultura das civilizações indígenas, africanas e seus descendentes serviu ao homem branco-europeu. Em diálogo com essa perspectiva de extermínio, Frantz Fanon (2008) foi profundo em suas afirmações:

Já dissemos que existem negrófobos. Aliás, não é o ódio ao negro que os motiva. Eles não têm a coragem de odiar, ou não a têm mais. O ódio não é dado, deve ser conquistado a cada instante, tem de ser elevado ao ser em conflito com complexos de culpa mais ou menos conscientes. O ódio pede para existir e aquele que odeia deve manifestar esse ódio através de atos, de um comportamento adequado; em certo sentido, deve tornar-se *ódio* (Fanon, 2008, p. 61, grifo do autor).

A partir de Fanon (2008) é possível compreender que há repulsa em relação às pessoas não brancas, tais como negras, indígenas, ciganas, asiáticas e outras. Isso é compreendido como um projeto político-econômico-colonizador que perpetua na atualidade. Essa repulsa, de certo, atinge a existência das mulheres negras. bell hooks (2022) ‘escurece’ as provocações iniciais, realizadas neste artigo, com suas vastas investigações dentro do campo das Ciências Sociais.

hooks (2022) defendeu, a priori, que historicamente o homem era o único ser compreendido como pessoa. A mulher branca, por sua vez, servia para auxiliar o homem branco e

era mantida em segundo plano. Com o advento da escravização, as pessoas negras passaram a ser representadas como mercadoria cuja existência se resumia à subserviência dos homens brancos. As mulheres negras, além de trabalhar, eram violentadas sexualmente e não tinham o direito ao matrimônio ou à maternidade, já que as pessoas negras eram tidas como animais e objetos. Embora hooks seja uma mulher norte-americana e tenha falado a partir desse lócus, essa realidade não é exclusiva da América do Norte, a mão-de-obra escravizada foi um acontecimento mundial que alcançou diversas civilizações na África, Ásia, Oceania, como também das Américas afro-diaspóricas.

A autora enfatiza que na sociedade estadunidense, durante o período colonial, onde a educação era pautada no cristianismo, a mulher branca era a representação do mal, uma vez que era responsabilizada, devido à associação com Eva, por trazer o pecado ao mundo. Assim, o pecado da luxúria que os homens cometiam não era atribuído a eles, visto que as mulheres eram as vilãs por terem tornado os homens vítimas da sua devassidão, em associação a Adão (hooks, 2022). Em detrimento disso, as mulheres brancas precisavam ser resguardadas, assim, a sociedade trabalhava em conjunto para tentar reprimir a sexualidade delas. Contudo, após o afastamento da doutrina fundamentalista cristã, houve mudanças. As mulheres brancas, no final do século XIX, deixaram de ser vistas como sedutoras sexuais e passaram a ser exaltadas pela parte nobre da sociedade.

A nova imagem da mulheridade branca era diretamente oposta à velha imagem. Ela era representada como deusa, em vez de pecadora; era virtuosa, pura, inocente e não sexual nem mundana. [...]. Enquanto os homens brancos idealizavam a mulheridade branca, eles assediavam e brutalizavam sexualmente as mulheres negras (hooks, 2022, p. 61, 63).

As sociedades brancas passaram a construir e reforçar uma imagem ideal do que é ser mulher: inocente, angelical, casta, pura, com traços finos e de pele alva. E a quem pertencia a outridade? À mulher negra. Dentro desse contexto, a mulher branca, na estrutura eurocentrada, teve a sua imagem associada ao objetivo matrimonial do homem branco. hooks (2022) reitera que a ideologia racista branca determinou que o sinônimo da palavra “mulher” é “mulher branca”. Lélia Gonzalez (1988), uma pensadora a frente do seu tempo, observou esse mesmo estigma associado à mulher negra brasileira.

Diante disso, qual espaço foi designado às mulheres não brancas? Se elas não são dignas de integrar a categoria de “mulher”, o que elas são, afinal? Essa afirmação conduz às reflexões que Fanon (2008) preconizou, isto é, o discurso do colonizador desumaniza corpos negros. Essa narrativa também resgata a epígrafe do artigo, uma vez que Maíra Azevedo (2022) afirmou que

“esse ninguém” era a mulher negra, supondo que o “alguém” é a mulher branca. Nesse caso, as mulheres negras são as outras: aquelas não priorizadas para o matrimônio.

Concomitantemente, Grada Kilomba (2019), designou a mulher negra como o “Outro do Outro”. Isso porque, como dito anteriormente, o homem cis-hétero-branco, em sua posição patriarcal na sociedade, historicamente, sempre foi compreendido como pessoa. Assim, baseando-se nisso, a mulher negra está na periferia da margem da sociedade patriarcal. Destarte, em detrimento das colonizações, há a concatenação de opressões (Santos Almeida, 2024). Assim, o racismo e a misoginia penetraram a estruturaram a sociedade de modo que a mulher negra passou a ser alvo da brutalidade brancocêntrica. Por fim, o discurso colonizador atingiu a psique da sociedade e sancionou a mulher branca como referência.

### **3 A INTERSECCIONALIDADE E A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA**

A Interseccionalidade de raça, gênero e classe é um instrumento analítico para a compreensão de como as opressões atingem as mulheres negras simultaneamente. Assim, enquanto a mulher racializada como branca é atingida pelo machismo (e seus derivados) às mulheres negras são atingidas pelas avenidas identitárias de raça, gênero e classe. Essa ferramenta epistemológica analisa como a raça, gênero, sexualidade, classe social, cultura, localização geográfica e tantos outros marcadores identitários afetam os grupos sociais e suas subjetividades (Collins; Bilge, 2021). Sobre isso, Carla Akotirene (2019) compreende que

A interseccionalidade é sobre a identidade da qual participa o racismo interceptado por outras estruturas. Trata-se de experiência racializada, de modo a requerer sairmos das caixinhas particulares que obstaculizam as lutas de modo global e vão servir às diretrizes heterogêneas do Ocidente, dando lugar à solidão política da mulher negra, pois que são grupos marcados pela sobreposição dinâmica identitária (Akotirene, 2019, p. 48, grifos nossos).

De certo, a ótica ocidentalizada é heterogênea e retroalimenta a solidão política vivenciada pela mulher negra. Portanto, a Interseccionalidade busca compreender, por exemplo, como a mulher negra e gorda pode ser atingida simultaneamente pelo racismo, machismo e gordofobia. Na mesma perspectiva, Kilomba (2019) afirma que as diferenças são sempre relacionais. É crucial reiterar que a Interseccionalidade não é uma ferramenta ontoepistemológica sobre marginalizados, na verdade, ela é “sobre como as pessoas e os grupos sociais que são colocados à margem da sociedade são atingidos pelo cruzamento das opressões” (Santos Almeida, 2024, p. 120).

Assim como a Interseccionalidade, a solidão da mulher negra é um campo de estudo que nasceu das vivências de mulheres negras. A publicação que deu um pontapé nas investigações acerca da construção do preterimento da mulher negra no Brasil foi da pesquisadora Claudete Alves Souza (2008). Nessa investigação, foi construída uma narrativa a partir de estudos de caso sobre como a mulher negra é preterida pelo homem negro, em espaços públicos, na cidade de São Paulo. Diante disso, foi identificado que para a mulher negra a

figura do príncipe encantado não existe, não porque ele tenha desaparecido como símbolo de nupcialidade, mas porque sua princesa é outra - a mulher branca - e seu cavalo “tomou” os caminhos das uniões heterocrômicas. [...]. Assim, ela não encontra para si a condição de conjugalidade em nível semelhante ao da mulher branca em função de suas referências identitárias, restando apenas uma desconstrução do mito e uma percepção de menos valia ao sentir-se preterida pelo homem negro e só, afetivamente (Souza, 2008, p. 116).

Concomitantemente, Ana Paula Lemos Pacheco (2008) observou outros vieses ontológicos sobre a solidão da mulher negra. Ela identificou que, no contexto baiano, a mulher branca é designada para o casamento, a mulata para satisfação sexual e a negra para o trabalho doméstico. Neste caso, a mulher negra retinta é colocada em segundo plano em detrimento da mulher branca e da mulher negra não retinta. Essa observação de Pacheco (2008) nos leva a reafirmar as palavras de hooks (2002) quando defende que, historicamente, a posição designada de ser “mulher” esteve associada a mulher branca. Ainda sobre o contexto brasileiro, a linguista aplicada Glenda Cristina Valim de Melo declara:

Desta forma, ao refletir sobre a solidão das mulheres negras no contexto brasileiro, pode-se problematizar que está relacionada à escravidão/colonização, já que esta mulher em diáspora é construída na e pela linguagem de diferentes ideologias. Chega ao país já construído e age como uma mulher escravizada. É brutalmente afastada à força do seu núcleo familiar, obrigada a cruzar o oceano como mercadoria num navio negreiro, a passar de humana a desumana, ou seja, a converter-se em objeto, em mercadoria (mercadorias) e chegar como tal às Américas. Tudo isto rodeado de pessoas que estão nas mesmas condições e que, muitas vezes, nem sequer falam a mesma língua. A solidão é anterior ao navio negreiro, começa com a captura da população negra africana no continente africano, que também experimenta a ausência do amor (Valim de Melo, 2022. Tradução nossa).

Na mesma linha argumentativa, bell hooks (2022) contribui ao que Pacheco (2008), Souza (2008) e Valim de Melo (2022) analisaram no contexto brasileiro, a solidão da mulher negra está associada com o período da escravização em que as mulheres africanas e descendentes tornaram-

se objetos e foram consideradas, pela ótica brancocêntrica, como desumanas. Diante disso, cabe refletir: as mulheres não humanas podem experienciar o amor?

A partir desse questionamento, este estudo direciona-se ao que hooks (2021) chamou de amor como processo de cura. Ela ensinou que os sofrimentos desnecessários e não escolhidos, que abrem feridas em nós, não precisam permanecer em nossas vidas. Isso significa que não precisamos viver em prol das dores oriundas de uma sociedade que nos atormenta e marginaliza, uma vez que rejeitar a possibilidade de amar adoece. Um amor que não se resume ao outro, mas, também, diz respeito ao autocuidado e à reprodução do amor que se reinventa.

De certo, após o término da escravização, os sujeitos negros se depararam com uma sociedade racista e precisaram lidar com as práticas sociais vigentes. Por isso, neste trabalho, não se faz menção ao amor ocidentalizado, mas às diversas possibilidades de amar. Renato Nogueira (2022) ilumina as argumentações dispostas aqui ao afirmar que o amor é revolucionário, para o filósofo, essa maneira de amar enfrenta os dispositivos opressores da sociedade contemporânea. Assim, esse amor revolucionário propõe o enfrentamento contra os paradigmas de uma sociedade cis-hétero-normativa, racista, capitalista e outras opressões.

#### 4 PRIMEIRO ESTUDO DE CASO

No Big Brother Brasil, especialmente durante as festas, as formações de casais é um acontecimento esperado pelos telespectadores, mas no BBB 22 um casal já era idealizado pelo público aqui fora. Isso porque Natália e Lucas estavam, durante a primeira semana, construíram uma amizade com alguns momentos que, aparentemente, eram flertes. No dia 23 de janeiro, durante a 'Festa Open House', os participantes dançaram abraçados por alguns minutos enquanto compartilhavam chocolate, segurando entre os dentes, pela boca. Na ocasião, não aconteceu o tão esperado beijo, mas, em certo momento, Lucas, após morder o chocolate oferecido por Natália, disse que era uma delícia. Assim, Natália perguntou: "eu ou o chocolate?"; e ele respondeu que ela era bem melhor que o chocolate (Globoplay, 2022)<sup>3</sup>.

Dias antes da festa do primeiro líder, Douglas, os brothers<sup>4</sup> tomaram banho juntos na área externa da casa e Lucas fez comentários acerca dos futuros acontecimentos dentro do programa.

---

<sup>3</sup> Globoplay. Programa de 23/01/2022 - Brothers dançam juntos durante a Festa *Open House* do BBB 22. Rio de Janeiro: 2022. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10233895/?s=0s>. Acesso em: 15 fev. 2023.

<sup>4</sup> Na versão brasileira do *reality*, o apresentador costuma usar os termos "*brother*" (irmão em inglês) e "*sister*" (irmã em inglês) em referência às/aos participantes do *Big Brother Brasil*. Neste trabalho, faremos uso da mesma terminologia no

Os comentários, na verdade, pareciam insinuar que ele não falava exclusivamente do jogo: “Ainda tem muita roupa para tirar”. Após algumas carícias e risos, Natália respondeu: “Muito beijo na boca ainda... que você está me devendo”, e ela acrescentou em tom de elogio: “Você dá um grande modelo, sabia? Você já pensou em ser modelo? Você é bem bonitão” (Uol, 2022)<sup>5</sup>. No mesmo dia da festa, 26 de janeiro de 2022, Natália e Lucas ficaram abraçados dentro da piscina. O clima, aparentemente, era de “romance” uma vez que eles ficaram se olhando nos olhos por alguns minutos e a sister passou a mão no peito do brother e molhava os ombros dele. Porém, o tão esperado beijo não aconteceu. (Globoplay, 2022)<sup>6</sup>.

Durante a festa do líder, outro participante, Vyni, fez uma brincadeira ao pedir que Lucas e Eslovênia, outra sister, desse um selinho como presente de aniversário para ele – provavelmente como estratégia para formação de casais já que, como dito anteriormente, isso é esperado pelo público. Em seguida, outro participante, Pedro Scooby, incentivou que Lucas e Eslovênia se beijassem e assim aconteceu o primeiro beijo da edição. Quando Natália presenciou o beijo, automaticamente, teve uma crise de choro e entrou na casa insinuando que apertaria o botão de desistência (Globoplay, 2022)<sup>7</sup>. Possivelmente, a sister estava alcoolizada e sua reação exigiu que outros participantes a controlassem para que ela não desistisse do reality. Nos dias posteriores, foi possível perceber que Natália, de fato, se sentiu preterida devido a sua mudança de humor dentro da casa.

Diante disso, Natália, uma mulher negra, tinha motivos para se sentir rejeitada visto que Lucas, um homem branco, havia dito anteriormente para ela: “você é o meu porto seguro”. Compreende-se, também, que as lágrimas de Natália estavam acompanhadas por vivências anteriores à sua entrada no BBB 22. Aliás, fica o questionamento: Como uma mulher negra deveria agir diante dessa situação? É adequado mensurar a dor do outro? Contudo, neste trabalho, é considerado o sentimento de rejeição de Natália e não a sua atitude, que por muitos pode ter sido vista como extrema. Foi afirmado por Natália, posteriormente, que a sua reação foi por Eslovênia ser sua adversária no jogo e não por haver um interesse amoroso em Lucas.

---

corpo do texto.

<sup>5</sup> UOL Splash. Após banho juntos, Natália elogia Lucas: ‘Já pensou em ser modelo?’. Rio de Janeiro: 2022. Disponível: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/01/23/natalia-e-lucas-trocam-elogios-apos-banho-juntos-ja-pensou-ser-modelo.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 15 fev. 2023.

<sup>6</sup> Globoplay. Programa de 26/01/2022 - Lucas e Natália se abraçam na piscina do BBB 22. Rio de Janeiro: 2022. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10243986/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

<sup>7</sup> Globoplay. Programa de 27/01/2022 - Natália fica triste depois do beijo entre Lucas e Eslovênia. Rio de Janeiro: 2022. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10248446/?s=0s>. Acesso em: 15 fev. 2023.



Enxergou-se que, neste espaço, há a intersecção entre raça, gênero e classe, visto que Natália e Lucas ocupam lugares sociais diferentes. Ela, uma mulher negra com vitiligo e manicure; ele, um homem branco, engenheiro e estudante de medicina. Ainda que ambos sejam integrantes do Grupo Pipoca (participantes não famosos do programa, enquanto o Grupo Camarote é composto por famosos), possuem realidades sociais distintas e todos esses atributos, que socialmente não estão localizados nos mesmos âmbitos, resgatam ações de preterimento em relação a quem está em posição menos favorecida. Como vê-se por meio da Interseccionalidade, com base em Collins e Bilge (2021) e Akotirene (2019), as características sociais identitárias inter cruzam e agem simultaneamente na esfera das opressões.

É preciso refletir, também, sobre o selinho que não foi proposto para ter sido dado à Natália. Por qual motivo os demais participantes incentivaram o beijo entre Lucas e Eslovênia se, dentro da casa, aparentemente estava sendo construída uma relação entre Lucas e Natália? Por que, no momento da proposta de selinho e beijo, Vyni e Scooby não consideraram Natália como uma alternativa? Esses questionamentos são válidos, dado o fato de que Eslovênia e Lucas formaram um casal improvável até o momento do beijo e que, inclusive, não foi ‘bem’ recepcionado pelo público ao ponto de receberem o rótulo de um “casal sem química” (Uol, 2022)<sup>8</sup>. Assim, para além da mulher branca completar o homem branco (hooks, 2021), eles continuaram juntos, também, por uma estratégia e conveniência dentro do jogo.

Este acontecimento que acometeu Natália é algo comum e recorrente na vida de mulheres negras e, neste artigo, não se faz referência exclusiva à rejeição afetivo-sexual (Souza, 2008; Pacheco, 2008; Valim de Melo, 2022). Afinal, ser rejeitado é algo que pode acontecer com qualquer pessoa. A questão aqui é a rejeição de uma mulher negra em detrimento de uma mulher branca e o privilégio simbólico-material que a última ocupa. Neste caso, os preterimentos também acometem a mulher negra em outros âmbitos sociais.

A preferência pelo corpo feminino cis branco é uma construção histórica-social ocidentalizada que faz com que a mulher negra fique à margem do afeto, do prazer, do respeito e, conseqüentemente, à margem da humanidade. De acordo com Isildinha Baptista Nogueira:

No negro, a vergonha de si, desencadeada pelo insulto, reencontra a marca da imperfeição a que, desde sempre, seu próprio corpo esteve associado. Tal marca, que ele não pode esconder, é, no entanto, desde sempre, vista como um defeito do seu corpo

---

<sup>8</sup> Uol News. BBB 22: 'Eslovênia e Lucas não têm química de casal', comenta Lucas Selfie. Rio de Janeiro: 2022. Disponível: [https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=6\\_ADQi2jSzA](https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=6_ADQi2jSzA). Acesso em 24 mar. 2023.

que ele tenta, a todo o tempo, corrigir. A pele que o reveste assume, assim, a característica de uma mancha: ou defeito a ser escondido, a cor negra (Nogueira, 2021, p. 99).

O letramento racial associado às nossas vivências, nos faz perceber que os insultos à nossa pele não precisam ser formulados a partir de xingamentos explícitos. Assim, as violências raciais podem ser, também, simbólicas e/ou silenciosas. Este trabalho, compreende que para Natália, às suas curvaturas corpóreas são favoráveis, contudo, ainda que ela possa ser lida como uma mulher “dentro dos padrões de beleza” sempre vai carregar consigo três defeitos de cor, como nomeia Nogueira (2021): a pele negra, o cabelo crespo e o vitiligo.

Além disso, se faz necessário pontuar, a movimentação que houve nas redes sociais nesta ocasião. Diversas mulheres não brancas, em especial os perfis engajados com as questões étnico-raciais da comunidade negra, foram solidárias com Natália. Houve uma rede de apoio frente a dor sentida pela participante. Dentro e fora da casa, como esperado em tudo o que ocorre em um reality show de alta audiência, as pessoas tomaram partido do locus social. Vejamos, o que Rêh Ribeiro, uma colunista negra, declarou na ocasião:

Essa solidão se manifesta além dos relacionamentos da mulher que é preterida, daquela mulher que nunca vai se casar, daquela mulher trans que tem seu corpo apenas como objetificação sexual e nada mais, ou daquela que perde o encanto logo, mas pode ser — e é também— uma solidão de companheirismo. Aquele parceiro que a vê e procura apenas para determinadas atividades. É uma solidão que se manifesta no mercado de trabalho. A mulher que estudou, tem uma boa posição, e que se vê sozinha diante dos seus pares, ela também passa por esta solidão no âmbito profissional (Ribeiro, 2022, s/p).

Portanto, o preterimento vai além do âmbito afetivo-sexual, uma vez que está presente na estrutura da sociedade. O preterimento está presente até mesmo no âmbito profissional quando não somos acolhidas da mesma maneira que os nossos pares. Diante disso, embora este trabalho parta das discussões do campo afetivo-sexuais, o preterimento da mulher negra não está associado exclusivamente a essas relações. Esse acolhimento que Natália recebeu corrobora com a dororidade, proposta por Vilma Piedade (2017). A epígrafe que introduz este artigo, inclusive, se refere a esse sentimento-ação. O resgate dessa memória afetiva de acolhimento entre mulheres negras é além de sororidade, isto é, dororidade.

## 5 SEGUNDO ESTUDO DE CASO

Diferentemente do BBB 22, a mulher negra que foi preterida no BBB 23 não tomou conhecimento do preterimento enquanto estava dentro da casa. Isso só foi possível após a sua saída, uma vez que ela não fez parte do diálogo que foi selecionado para esta análise. No dia 25 de janeiro de 2023, durante uma das festas que ocorreu no reality show, a participante Key Alves, uma mulher branca, aproximou-se de Gabriel, Cezar Black e Cristian com o seguinte comentário: “Tem uma pessoa carente que está querendo dar uns beijos”. Os homens brancos, Cristian e Gabriel, sugeriram que eles tinham interesse em saber se era Paula, a mulher negra não-retinta.

Os homens brancos envolvidos reagiram com risos e entusiasmos na expectativa dessa suposta carência vir de Paula. Se assim fosse, aparentemente, eles estariam disponíveis. Contudo, quando a Key Alves responde, rindo, que se trata de Tina, uma participante preta, eles respondem: “É doida, é?”; “Ah, não, tá maluco?”; “Cê vai?”; “É doida, é doido, é?”; “O [inaudível] vai...”, falou Cristian e nesse momento Gabriel toca em César referindo-se que ele, um homem preto, estava disponível. Em seguida, Cristian diz: “Tô de boa, tô de boa...”, o que sugere que, para a mulher negra retinta ele está de boa, mas para a mulher negra não retinta ele, talvez, estaria interessado. Por fim, é possível ouvir quando um dos homens brancos falou: “Eu passo...” (Calamba, 2023)<sup>9</sup>. Essa expressão remete a uma jogada, onde chegou a vez de outro alguém e o jogo é passado adiante. Assim, essa atitude põe a mulher em posição de objeto.

A partir desses fragmentos coletados, percebe-se que Cristian e Gabriel não expressam empatia pela mulher negra. Ainda hoje, sobretudo, a mulher negra retinta não é observada como merecedora de afeto ou troca simbólica de carinho, assim, nesse ponto, se pode inferir que os teóricos escolhidos nos conduzem a refletir como o passado ainda se faz presente, o processo de desumanização das mulheres negras continua no imaginário coletivo da branquitude (Pacheco, 2008). Isso pode ser visto, inclusive, em outras produções midiáticas, a exemplo das representações de novelas brasileiras como “Da Cor do Pecado” e “Lado a Lado”<sup>10</sup>, que ainda repercutem uma sub-representação de mulheres pretas e pardas, assim como nos textos literários de nosso cânone,

---

<sup>9</sup> Calamba, Tina. Diamantes e principalmente as mulheres pretas que acompanharam o diálogo que aconteceu ontem durante a festa. Rio de Janeiro. 26 jan. 2023. Instagram: @tinacalamba. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cn4v1PouOZK/> Acesso em: 15 fev. 2023.

<sup>10</sup> Ambas são novelas da emissora TV Globo. “Da Cor do Pecado”, de 2012, foi dirigida por João Ximenes Braga e Claudia Lage e “Lado a Lado”, de 2014, a direção foi realizada por Denise Saraceni.

que é fruto da hegemonia masculina e branca, reiteram esse lugar histórico de marginalização e hierarquias entre mulheres não brancas e negras.

É válido destacar que o pacto narcísico da branquitude, em síntese, ocorre quando um grupo de pessoas detém os poderes institucionais e são a maioria em diversos espaços de poder (Bento, 2022). Ao retomar o diálogo dos brothers, as expressões que os homens racializados como brancos tinham ao supor que fosse uma mulher específica, a parda, e que, em função do conceito de colorismo<sup>11</sup>, pode ser menos preterida que uma mulher negra retinta, muda completamente ao saber que a pessoa carente da festa era uma mulher preta e isso é observado, também, nas leituras da pesquisadora Alessandra Devulsky com relação ao colorismo (2021). Essa preferência dos homens, entre mulheres negras, foi estudada por Pacheco (2008) e, neste espaço de análise, se reafirma que isso existe na sociedade brasileira. Assim, nessa situação há intersecção de raça e gênero (Akotirene, 2019; Collins; Bilge, 2021).

O sorriso dos homens brancos que antes era curioso, mudou subitamente para um riso no canto da boca. O corpo, especialmente o de Cristian, que se posicionou com o tronco inclinado para frente em busca da resposta que eles ansiavam receber, recuou levemente ao saber que se tratava da mulher preta e angolana. Além disso, é necessário retomar o uso dos termos “louco” e “maluco” (Calamba, 2023)<sup>12</sup>. Então, para a branquitude, a possibilidade de beijar a boca de uma mulher preta é estar psiquicamente fora de si? Embora esta análise seja sobre um contexto de uma mulher preta cujos traços estéticos se enquadram em determinados padrões de beleza, ela ainda é uma mulher negra africana e, conforme observou Souza (2008) e Pacheco (2008), no Brasil, a cor vem antes e ela é determinante nas relações afetivo-sexuais.

Entretanto, precisa-se resgatar outros conhecimentos nesta análise. A participante Paula é uma mulher não branca e ela, inclusive, declarou para outros participantes negros que só foi se compreender enquanto mulher negra dentro da casa. Assim, fora do BBB 23, ela não sabia que ‘era negra’ e quando relata isso demonstra surpresa (Gshow, 2023)<sup>13</sup>. Diante disso, como se configura essa situação entre Tina e Paula, já que ambas são mulheres não brancas?

---

<sup>11</sup> O colorismo ou a pigmentocracia é a discriminação pela cor da pele e é muito comum em países que sofreram a colonização europeia e em países pós-escravocratas. Em síntese, o termo quer dizer que quanto mais pigmentada uma pessoa for mais exclusão e discriminação ela irá sofrer. Fonte: Portal Geledés, 2015.

<sup>12</sup> Calamba, Tina. Diamantes e principalmente as mulheres pretas que acompanharam o diálogo que aconteceu ontem durante a festa. Rio de Janeiro. 26 jan. 2023. Instagram: @tinacalamba. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cn4v1PouOZK/> Acesso em: 15 fev. 2023.

<sup>13</sup> Gshow. Paula conta que entendeu ser uma mulher preta no BBB 2 Rio de Janeiro: 2023. Disponível em: <https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb-23/jogo-discordia/noticia/paula-diz-ter-descoberto-que-e-negra-no-bbb-23.ghtml> Acesso em: 15 fev. 2023.

Lélia Gonzalez (1988) discorre sobre o ato de “tornar-se” negra como um ato político, assim como Neusa Souza (1983) em perspectivas pontuais para o nosso diálogo, ou seja, para uma menina negra de pele retinta a consciência racial inicia-se nos seus primeiros anos de vida, no parquinho do condomínio, na escola, na igreja e em todos os lugares sociais que os racializados como brancos irão apontá-la como a diferente. É válido ressaltar que essa percepção ocorre fora do continente africano, afinal, a percepção racial é distinta.

Na mesma perspectiva, Kilomba (2019) soma-se a nossa problemática ao afirmar que o sujeito racializado como branco se vê como o universal, o diferente é o outro, e a branquitude recalcada projeta tudo o que é negativo aos não brancos, como a feiura, a desinteligência, a desumanização e outros (Fanon, 2008). As perspectivas aqui delineadas, ajudam a compreender os porquês que as falas dos participantes Cristian, Gabriel e Key são racistas. Dessa maneira, a suposta boa intenção de Key foi lida como um dispositivo do racismo estrutural, visto que em seu inconsciente ela já sabia que Tina seria preterida.

Na mesma medida, há o colorismo que foi construído pela branquitude como uma estratégia de hierarquizar e enfraquecer os sujeitos não brancos (Devulsky, 2021). Portanto, Paula ser aceita dentro da colonialidade brasileira é apenas uma das estratégias, visto que a pessoa parda não ocupa espaços de privilégios, apenas possui alguns passaportes em determinados espaços sociais por carregar traços fenótipos mais próximos aos que são considerados como padrão (Devulsky, 2021; Pacheco, 2008). Neste trabalho, entendeu-se que isso ocorre em detrimento do processo de miscigenação compulsória feita em nosso país em séculos anteriores e que continua no superego de muitas pessoas em nossa sociedade.

Diante disso, é possível compreender que a participante Paula, tem algumas possibilidades nas relações afetivo-sexuais, mas ainda assim continua sendo uma mulher não branca. Enquanto Tina é uma mulher negra e retinta, o que a torna uma mulher, conseqüentemente, preterida ao contexto afetivo-sexual. Tal como a teorização do colorismo, há uma hierarquia de tons de pele, assim, quanto mais próximo a pessoa não branca está dos traços negroides, mais elas são preteridas (Devulsky, 2021).

Assim, dentro da perspectiva do colorismo, no Brasil, a negritude de Paula pode ser mais aceita por ter a pele mais clara, cabelo ondulado com raiz lisa e traços fenótipos negroides menos evidentes. A afetividade recebida pelas mulheres é configurada por um contexto histórico-social, diante disso, a cor de pele, o corpo, a textura do seu cabelo, a classe social, a formação acadêmica, como aponta Akotirene (2019), definem quem fica dentro e fora das relações afetivo-sexuais.

Contudo, Tina Calamba — analista de Marketing e miss Benguela, Angola — ainda que seja uma mulher magra, alta e com uma beleza dentro dos padrões para seguir a profissão de modelo internacional, não foi suficiente<sup>14</sup>. Diante desses homens brancos, sequer um simples flerte ou ficada foi visto como uma possibilidade. Isso porque, antes de tudo, ela é uma mulher negra. Quanto a essa particularidade, Isildinha Baptista Nogueira (2021) afirma que a condição econômica elevada ou o prestígio social que a pessoa negra alcança não é o suficiente para salvá-la do defeito de cor, isto é, do estigma que faz a sua cor negra uma mancha (Nogueira, 2021).

Assim, embora exista no imaginário patriarcal da sociedade sexista e racista que a mulher negra “estilo exportação” é para curtição, Tina, no BBB 23, foi absolutamente descartada e empurrada, pelos homens brancos, para o único homem negro que estava próximo deles. Esses homens brancos, que estão acostumados historicamente a verem as mulheres negras em posição de subserviência, compreendem que merecem sempre mais, assim, uma mulher negra é pouco para eles, como foi apresentado no aporte teórico por hooks (2022), Souza (2008) e Pacheco (2008).

Na sociedade brasileira, oriunda da herança escravocrata, o racismo faz com que pessoas negras tenham oportunidades restritas (Gonzalez, 1988). Pensar a partir dessa ótica é compreender que os espaços sociais, independentemente do locus, historicamente sempre foram negados às pessoas negras. De certo, como pode ser compreendido a partir das reflexões de Lélia Gonzalez (1988), essa ideia foi perpetuada por meio das invasões colonizadoras, assim, é crucial enfatizar que nem sempre fomos sozinhas/os.

Diante de tanto desafeto, onde está localizado o amor para nós? Ainda no microcosmo do BBB, especialmente na edição de 2023, viu-se pessoas negras se amando. Não foi feita referência exclusiva à relação entre Ricardo, conhecido como Alface, e Sarah Aline – embora eles tenham construído uma união afetiva e regada de diálogos que, por sinal, não foi tão repercutida aqui fora em comparação a outros casais racializados como brancos, como Key Alves e Gustavo. Na verdade, neste espaço, resgatamos o amor revolucionário que busca justiça social e equidade como princípios do ato de amar (Nogueira, 2022).

Assim, dentro do programa, identificamos afetos entre participantes negros/as, tais como Sarah Aline e Aline, que se acolheram diante de suas dororidades; Fred Nicácio e Tina, que ao se

---

<sup>14</sup> Tina Calamba foi convidada para integrar o time de uma agência de modelos internacional, *Ford Models*, que possui trabalhos ativos no Brasil, Estados Unidos e França. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2023/03/17/bbb-23-tina-calambra-e-contratada-por-agencia-de-modelos-internacional.htm>. Acesso em: 29 out. 2024.

reencontrarem, na possibilidade de repescagem, se apoiaram sob a consciência dos racismos sofridos dentro da casa; e quando Aline defendeu Domitila, diante de outros participantes brancos, ao afirmar que ela usa falas como “eu não vim aqui para servir”, “a favela venceu” ou “do alto do seu privilégio [branco]” referem-se ao lugar de fala dela e não, necessariamente, de uma estratégia de jogo (Mundo Negro, 2023). Dessa maneira, neste artigo, entende-se que esse amor revolucionário, conforme propõe Renato Nogueira (2022), é uma alternativa viável para nós, pessoas negras, e isso é praticar o amor como cura, assim como advogou bell hooks (2021).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, analisou-se a disposição de três mulheres não brancas, no que tange a solidão da mulher negra, as quais foram direcionadas as situações que reforçam os estigmas da ótica brancocêntrica. Reitera-se que, segundo o IBGE, Tina, Natália e Paula são negras, sendo a primeira preta e angolana e as duas últimas pardas e brasileiras. No primeiro estudo de caso, situado no BBB 22, o preterimento ocorreu em detrimento de uma mulher branca, enquanto no segundo estudo de caso, no BBB 23, com relação a uma mulher parda.

Em 2022 e em 2023, seja um preterimento explícito ou silencioso, o racismo está marcado em ambas as narrativas. Sim, é relevante reforçar que preterir uma mulher preta em favor de uma mulher branca ou parda é uma ação racista. As nossas preferências, os nossos gostos e, sobretudo, as representações do belo foram arquitetadas pela branquitude para perpetuação e manutenção dos seus lugares de privilégios (Bento, 2022).

No primeiro caso, o homem branco afirmou que queria só amizade, embora, tenha ficado explícito para o público que o brother e a sister estavam flertando. Ele não proferiu dizeres de rejeição, pelo contrário, agiu e a permissividade social do homem branco fez com que a sua atitude fosse, posteriormente, compreendida. Afinal, ele chegou a pedir desculpas à mulher negra em questão, caso ela tenha compreendido equivocadamente a relação deles.

Já no segundo caso, os dois homens brancos falaram e reforçaram que não tinham, em hipótese alguma, interesse na participante negra retinta, mas tudo bem se fosse a participante negra parda. Não nutrir interesse por alguém não é o principal fator nessa situação, mas a comparação de quem merece receber afeto dentre as mulheres negras e afirmar que é loucura estar com uma mulher retinta, de certo, reforça o racismo estrutural sob as mulheres negras.

Além disso, a emissora exerce um papel exclusivamente em prol dos seus lucros. Uma vez que cresce o seu faturamento com o entretenimento oferecido em decorrência das dores das/os participantes, sejam pessoas negras ou não negras. Afinal, o BBB é um reality show que incentiva dinâmicas de confronto e outras narrativas conflituosas que provocam embates, discórdias, brigas e inimizades em nome da audiência. Neste espaço, não se realiza uma análise direcionada à emissora de TV ou às pessoas brancas envolvidas, mas à branquitude.

Nessa perspectiva, Cida Bento (2022) afirma que a branquitude, enquanto sistema de poder fundado no contrato racial, da qual todos os brancos são beneficiários, embora nem todos sejam signatários, pode ser descrita no Brasil por formulações complexas ou pelas evidências empíricas. Essas evidências incluem a absoluta prevalência da brancura em todas as instâncias de poder da sociedade: nos meios de comunicação, diretorias, gerências e chefias das empresas, nos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, nas hierarquias eclesásticas etc.

A branquitude pactua de maneira silenciosa em benefícios próprios e/ou de seus semelhantes e isso pode ser exemplificado a partir das mulheres que merecem afetos e partilhas enquanto outras são destinadas à solidão. Assim, por mais que o pacto narcísico da branquitude forme uma cortina de fumaça para naturalizar o racismo estrutural, consideramos necessário descortinar os privilégios e o status quo do grupo que partilha os bens de consumo e retroalimentam as opressões, tal como a solidão da mulher negra na sociedade brasileira.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Editora UFBA, 2008.

GONZALEZ, Lélia. A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social. **Raça e Classe**, Brasília, ano 2, n. 5, p. 2, nov.dez. 1988.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?** mulheres negras e feminismo. 10 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.



HOOKS, Bell. Cura: o amor redentor. *In*: HOOKS, Bell. **Tudo Sobre o Amor**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente**: significações do corpo negro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **“Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”**: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. 2008. f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas., Campinas, 2008.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

SANTOS ALMEIDA, Jakelliny. Interseccionalidade. *In*: LANDULFO, Cristiane; MATOS, Doris (Org.). **Suleando conceitos em linguagens**: decolonialidades e epistemologias outras. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024, v.2, p. 117-124.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. **A solidão da mulher negra**: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. 2008. p. 174. f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais na área de Antropologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, São Paulo, 2008.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

## REFERÊNCIAS MIDIÁTICAS

RIBEIRO, Rêh. **Não é apenas estar sozinha**: a solidão da mulher negra assume diversas formas, 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/colunas/cris-guterres/2022/12/04/a-solidude-da-mulher-negra.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em: 10 fev. 2023.

MUNDO NEGRO. **BBB 23**: Fred e Bruna acusam Domitila de ‘tendenciosa’ após expor racismo no grupo e Aline rebate: “é o lugar de fala dela”, 2023. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/bbb-23-fred-e-bruna-acusam-domitila-de-tendenciosa-apos-expor-racismo-no-grupo-e-aline-rebate-e-o-lugar-de-fala-dela/> Acesso em: 30 mar. 2023.

NOGUERA, Renato. **Para que exista amor é preciso haver justiça e equidade**. Brasil: Casa do Saber, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l6JdDQ2grQI>. Acesso em: 28 mar. 2023.



VALIM DE MELO, Glenda. **La soledad de la mujer negra**: un breve debate teórico. Caribe: 2022. Disponível em: <https://www.ainalc.org/bitacora10.html#JGR> Acesso em: 17 fev. 2023.

**Enviado em: 20/11/2023**  
**Aceito em: 25/01/2024**